

As paisagens gráficas de Guignard na obra *O Homem e a Montanha*: o diálogo entre literatura e artes visuais

Giovana Benedita Cardoso Spinhardi¹

 0000-0002-0501-3869

Como citar:

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 17, 2023. **Atas do XVII Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 17, 2023.

DOI: 10.20396/eha.17.2023.11726

Resumo

Este artigo é parte da pesquisa desenvolvida no meu mestrado, cujo objeto de estudo é o artista Alberto da Veiga Guignard. Em 1944, contratado pela Livraria Cultura Brasileira, de Belo Horizonte, Guignard elaborou um pequeno número de paisagens gráficas para a obra *O Homem e a Montanha*, de João Camillo de Oliveira Torres. Através da análise da linguagem gráfica de tais paisagens, buscamos compreender como os desenhos de Guignard concorreram, no âmbito do livro e no contexto cultural à época, para a atribuição de um caráter de modernidade ao livro, para a valorização do patrimônio histórico e natural de Minas Gerais, bem como para a inauguração de uma nova visualidade ao país.

Palavras-chave: Alberto da Veiga Guignard. Paisagens gráficas. Arte brasileira.

¹ Mestra em História pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Bolsista UFSJ

No Brasil, a edição de livros na década de 1920 pode ser considerada um feito excepcional dado o panorama de profunda crise do período derivado dos desdobramentos da Primeira Guerra Mundial que acabaram por desencadear uma acentuada depressão financeira internacional. Tal conjuntura colaborou para um quadro de desafios extremos ao mercado editorial, à imprensa e a todos os empreendimentos ligados ao setor gráfico-editorial, à época, que, em razão da taxa de câmbio elevada, acabou por determinar a elevação do custo da importação de máquinas e de papel destinados à produção de livros e dos demais artigos impressos, bem como a alta do preço do produto no mercado brasileiro, já que a maior parte do comércio livreiro baseava-se na importação de livros, sobretudo de Portugal e da França².

Segundo Hallewell³, este panorama sofreria drásticas mudanças a partir de 1930, quando o movimento editorial no país recebeu um acentuado impulso graças a dois fatores fundamentais: a Revolução de 1930 e os efeitos da Crise de 1929.

A Revolução de 1930, que conduziu Getúlio Vargas ao governo, exercido por ele até 1945, em um primeiro momento, constituiu um marco fundamental na história do Brasil nos mais diversos setores: político, econômico e social. No âmbito da cultura, por exemplo, o apreço e a reprodução dos parâmetros estéticos europeus, tão em voga durante a República Velha, cedeu lugar a um interesse pelo Brasil, por seus problemas e pela valorização do nacional, especialmente entre as elites intelectuais do país. Tal nacionalismo encontrou expressão mais pronunciada nas obras dos artistas e escritores modernistas brasileiros que, desde os anos 1920, debruçavam-se sobre a busca das singularidades que tomariam parte da constituição da nossa nacionalidade. Além disso, foi após 1930 que se operou um movimento renovador, entre os editores brasileiros, em publicar não apenas os nomes já consagrados da literatura brasileira, como José de Alencar e Machado de Assis, mas, também, em dar visibilidade a autores brasileiros e em apresentar novos nomes ao público leitor.

No que diz respeito à Crise de 1929, seus desdobramentos sobre o Brasil determinaram uma elevação no custo da importação de livros para o país tendo em vista a desvalorização da moeda brasileira e o fato de o mercado livreiro nacional ser majoritariamente dependente de livros importados naquela época. Somado a esses fatores, há de se considerar a queda na produção da indústria internacional e, conseqüentemente, do comércio exterior, o que impactou diretamente as demandas do Brasil por produtos importados. Nesse sentido, houve um crescimento na substituição de importações em todos os

² HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. [trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza] - 3. ed., I. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017, p. 347.

³Ibidem, p. 462-466.

setores da economia brasileira, inclusive no setor livreiro. Analisando o período imediatamente posterior à grande depressão de 1929, no que diz respeito à produção de livros no Brasil, Hallewell⁴ tece uma comparação entre o índice da taxa de crescimento do produto interno brasileiro, que entre 1930 e 1937, foi da ordem de 50% e as cifras referentes apenas a São Paulo que, no mesmo período (1930-1937) atingiu a surpreendente taxa de crescimento superior a 600%. Esse panorama que se revelou no Brasil, no período que se seguiu à Revolução de 1930 e à Grande Depressão, mostrava-se, portanto, bastante alentador para a indústria editorial brasileira.

Outrossim, conforme nos informam os inúmeros estudos⁵ acerca do Estado Novo, merece destaque o fomento dado pelo governo Vargas a iniciativas ligadas à cultura, e ao livro especificamente, como a criação do Instituto Nacional do Livro, a reestruturação da Biblioteca Nacional, a criação do Boletim Bibliográfico Brasileiro, em que pese o rígido controle da censura sobre esses órgãos.

Cabe destacar o importante papel que o Instituto Nacional do Livro desempenhou junto a autores e editores na divulgação de obras, por meio de patrocínio de edições e reedições com vistas a popularizar títulos e autores que abordassem temas nacionais e, assim, colaborar com os propósitos do governo em criar uma identidade e unidade nacionais⁶.

Assim, a partir da década de 1930, estimulados pelas conjunturas acima citadas, alguns projetos de livros (e mesmo de suplementos literários de jornais e periódicos) dos principais eixos editoriais do Brasil, incluindo os do governo, investiram em propostas editoriais que resultaram em mudanças significativas no objeto livro, cujo escopo era atingir um novo público e oferecer ao mercado um livro mais atrativo para o consumo.

Nesse sentido, muitos projetos editoriais, à época, acabaram por adotar estratégias diferenciadas como o melhoramento da qualidade do papel, cuidados com a colagem das folhas, com a produção da capa e da contracapa, a definição do formato, da dimensão e da lombada do livro e a valorização das imagens. Tais inovações, incrementadas com vistas a valorizar o objeto livro, acabaram por proporcionar uma nova experiência ao leitor, uma vez que determinaram mudanças significativas tanto na posse do livro quanto na produção de significados e de sentidos durante o processo de leitura⁷. Nessa perspectiva é que se destacam edições que realçavam elementos ligados às artes visuais, publicando trabalhos de artistas de grande projeção como Oswaldo Goeldi, Lasar Segall, Carybé, Cândido

⁴ Ibidem, p. 464-465.

⁵ Ver, dentre outros, os trabalhos de Ortiz (1988), Gomes (1996) e Miceli (2001).

⁶ ANDRADE, Mariza Guerra de. Estudo crítico. In: TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 19.

⁷ Sobre práticas de leitura ver Chartier (1996).

Portinari, Tomás Santa Rosa, Cícero Dias, Djanira, entre outros. Essas edições literárias e ensaísticas do período tornaram-se bastante valorizadas do ponto de vista comercial, uma vez que apresentavam imagens – como mapas, fotos, desenhos e, muitas vezes, uma capa com requintado aspecto gráfico e visual – oferecendo ao leitor a possibilidade de imersão em duas obras ao mesmo tempo, uma composta pela linguagem escrita do texto e, outra, expressa pela linguagem gráfica das imagens, cuja experiência cognitiva e simbólica poderia suscitar a construção de diversos sentidos e significados de leitura por parte do público leitor.

A obra *O homem e a montanha* (1944), de João Camillo de Oliveira Torres⁸, insere-se no rol de publicações que se destacaram pela inovação do objeto livro. O texto de Oliveira Torres, agraciado com o Prêmio “Diogo de Vasconcelos” de Erudição da Academia Mineira de Letras, em 1943, converteu-se em livro, composto e impresso, em dezembro de 1944, nas oficinas da Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” Ltda., em São Paulo, a pedido da Livraria Cultura Brasileira, de Belo Horizonte. Em sintonia com os processos editoriais então em voga, a livraria contratou Guignard, que a essa época já era um artista consagrado, para a produção das ilustrações que acompanhariam o texto de João Camillo.

A primeira edição da obra possui 192 páginas, 14 capítulos, conclusão e uma seção destinada às notas. O texto introdutório é do escritor e acadêmico Aires da Mata Machado Filho que redigiu parecer acerca de todos os participantes do certame realizado pela Academia Mineira, cujo texto premiado foi o de João Camillo de Oliveira Torres. Será a essa edição, a de 1944, que nos remeteremos quando tratarmos das ilustrações de Guignard e das citações diretas à obra de Oliveira Torres⁹.

O livro *O homem e a montanha* apresenta sete ilustrações de Guignard [figuras 1, 2, 5, 6, 7, 8 e 9]. Estas compõem, junto com o texto de João Camillo, um papel de complementaridade, mas igualmente

⁸ João Camillo de Oliveira Torres nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1915, e faleceu em Belo Horizonte em 1973. Com uma sólida formação católica, Oliveira Torres manteve contato permanente com os intelectuais do chamado Círculo Católico, do Rio de Janeiro, que reunia, dentre outros, Alceu Amoroso Lima, Manuel Bandeira, Afonso Arinos de Melo Franco e Sobral Pinto. Entre tais pensadores vigorava a convicção da necessidade de engajamento do escritor com as questões políticas e sociais do país, bem como a defesa dos valores católicos tradicionais (Cf. RAMIRO, Luiz. O mestre da montanha, João Camillo de Oliveira Torres. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 10/08/2020 [online]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/intelectuais-brasileiros-o-mestre-da-montanha-joao-camillo-de-oliveira-torres/>. Acesso em 11 de agosto de 2022).

⁹ Em 2011, a obra foi reeditada pela editora Autêntica como parte integrante da coleção “Historiografia de Minas Gerais”. A reedição conta com 220 páginas e mantém as mesmas seções da primeira edição. Possui, ainda, um acréscimo de seis páginas de glossário, uma breve apresentação dos editores Francisco Eduardo de Andrade e Mariza Guerra de Andrade, um texto assinado por João Antônio de Paula (Professor do Cedeplar/FACE/UFMG) denominado *O homem, a montanha e nós*, e um excelente Estudo Crítico, de Mariza Guerra de Andrade. O projeto gráfico da capa da edição de 2011, de Diogo Droschi, apresenta uma pintura, de 1976, do artista mineiro Márcio Sampaio denominada *Panorama de Itabira*, elaborada a partir de uma fotografia de Miguel Brescia, da década de 1930. As ilustrações de Guignard foram mantidas nessa reedição respeitando, inclusive, as mesmas dimensões das imagens originais e a distribuição destas ao longo do texto conforme a primeira edição de 1944.

de aprofundamento da leitura, uma vez que a linguagem gráfica criada por Guignard colabora para suscitar um estímulo à imaginação do leitor no sentido da construção de sentidos e significados.

Os desenhos não são intitulados e apresentam-se entremeados junto aos capítulos. Desconhecemos a técnica utilizada por Guignard para a feitura desses desenhos, a qual tampouco é enunciada no livro original. Inferimos que os desenhos possivelmente tenham sido elaborados com nanquim em bico de pena sobre papel, técnica muito utilizada por Guignard por esses tempos, muito embora os traços incisivos dos desenhos pareçam evocar, por vezes, a técnica da água-forte. No conjunto de imagens produzidas por Guignard para o livro, interessa-nos avaliar a construção visual de suas paisagens e como os elementos de tais composições são articulados com a proposta de Oliveira Torres de interpretar as singularidades do povo mineiro a partir dos aspectos topográficos e geográficos de Minas Gerais.

As sete ilustrações se ancoram em uma intenção profundamente descritiva e detalhista. Possuem uma linguagem gráfica marcada pelo uso, em profusão, de traços incisivos que se cruzam e se enredam, de forma mais ou menos intensa, solução gráfica fartamente utilizada por Guignard para conferir efeitos de textura e noções de sombreamento, de claro-escuro, de brilho e de luz à imagem.

Para efeito de análise, nos concentraremos nas ilustrações que abordam aspectos paisagísticos, quais sejam as figuras 1, 2, 5 e 6. As demais ilustrações [figuras 7, 8 e 9] por não pertencerem ao gênero paisagem, foco de nossa análise, não serão aqui abordadas. Em todas as ilustrações para o livro, mas especialmente nas paisagens, Guignard estabelece um diálogo afinado com o texto de João Camillo, o qual procurou estudar as influências diretas geradas “pelo contato imediato entre as duas realidades: o Homem e a Montanha”¹⁰. Nesse sentido, o escritor mineiro buscou avaliar em que medida “o contorno, o ambiente criado ao homem pelo clima, pela riqueza do solo (ou melhor, do subsolo) pela hidrografia e finalmente pela paisagem”¹¹ exerceram um influxo sobre o modo de vida dos habitantes das Minas Gerais.

Na primeira ilustração do livro [figura 1], Guignard apresenta a vista de uma cidade, cuja identificação topográfica e geográfica é inespecífica, mas que possivelmente faça alusão ao Morro do Cauê, região montanhosa da antiga Itabira, terra natal do autor do livro. O casario urbano, incrustado no vale e nas encostas das montanhas, compõe cerca da metade do espaço visual destinado à composição da paisagem, a qual é trabalhada com uma abundância de traços entrelaçados na feitura das massas de vegetação, do vale e das encostas das montanhas no intuito de expressar noções de escuro e de

¹⁰ TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944, p. 26.

¹¹ Ibidem, p. 26.

sombreamento. As paredes das edificações se destacam como pontos iluminados nessa porção mais escura da composição. A montanha se mostra imponente, ao fundo, encontrando-se com um céu onde Guignard, por vezes, dispensa o uso do traço para que o branco do papel crie efeitos de luz e de textura das nuvens. Montanha e céu compõem, portanto, a outra metade do espaço visual destinado ao desenho.

A figura 1 espelha, em linguagem gráfica, inúmeras passagens do livro *O homem e a montanha*. A título de exemplo, podemos citar, dentre outras, trechos nos quais o autor se refere ao desenvolvimento da vida econômica na região montanhosa de Minas, onde diz que “o palco da vida econômica mineira, o que realmente constituía as Minas Gerais no século XVIII, era um conjunto de vales sombrios rodeado por altas montanhas”¹² e trechos relativos à ocupação humana da região, nos quais afirma que os “núcleos de povoação que constituíam as Minas Gerais, e que já existiam no século XVIII e cujos habitantes se dedicavam à mineração, nasceram no fundo dos vales, à beira das montanhas”¹³.



Figura 1:

Alberto da Veiga Guignard, **Sem título**, 1944. Ilustração.

Fonte: TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944, p. 51.



Figura 2:

Alberto da Veiga Guignard, **Sem título**, 1944. Ilustração.

Fonte: TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944, p. 65.

¹² Ibidem.

¹³ Ibidem, p. 27.

A figura 2 aborda o tema das catas auríferas. Dois homens pretos fazem a faiscação do ouro com suas bateias junto a um curso d'água. A composição é formada por uma paisagem desenhada, mais uma vez, com uma prodigalidade de linhas entrelaçadas. A maior parte do espaço visual é composto por uma ribanceira através da qual se precipita uma cachoeira, desenhada com linhas sinuosas e que divide a paisagem em duas porções verticalizadas. À direita da cachoeira, temos uma palmeira e uma pequena cabana feita de caniços, onde uma chaleira está posta sobre uma fogueira. À esquerda, encontra-se uma massa de vegetação na qual se destaca sobretudo um taquaral. Uma pequena área reservada ao céu assoma na porção superior da composição em formato de delta a exemplo de uma claraboia.

Guignard ilustra, com esse desenho [figura 2], um dos principais ramos da atividade econômica desenvolvido nas Minas Gerais, a mineração, assunto abordado enfaticamente por Torres ao longo de todo o livro: “[...] tivemos inicialmente a ‘faiscagem’, a lavagem do ouro na areia dos rios e córregos [...]. Foi uma ocasião de fortunas rápidas, de lutas e de períodos de carestia. Era pequeno o trabalho escravo”¹⁴. Em seguida a essa fase inicial de garimpo do ouro de aluvião, “os mineiros subiam os leitos das torrentes” e, a partir de então, “escavavam o seio da montanha”¹⁵. Daí decorre o fato, segundo Torres, de que “todas as povoações ‘mineiras’ parecem estar no fundo de um poço; temos que olhar muito para cima, quase na vertical, para ver o céu azul, às vezes”¹⁶.

É interessante notar a centralidade que Guignard concede à presença e à participação dos negros no contexto colonial focado, invariavelmente associado à escravidão, contrapondo-se, em certa medida, com a visão de Torres que parece minimizar a escravidão ao afirmar que na fase do garimpo de faiscação “era pequeno o trabalho escravo”, o qual, com efeito, não foi *pequeno* em momento algum da história do Brasil enquanto perdurou o sistema escravista. No contexto do novo nacionalismo do pós-Primeira Guerra, muitos modernistas buscavam retratar, de forma positiva, aspectos os mais diversos dos setores populares da sociedade brasileira, sobretudo os mestiços, negros e indígenas. Sob essa perspectiva, vale enfatizar o protagonismo concedido por Guignard a famílias negras em algumas de suas obras, sobretudo os retratos dos anos 1930 [figuras 3 e 4].

¹⁴ Ibidem, p. 54.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

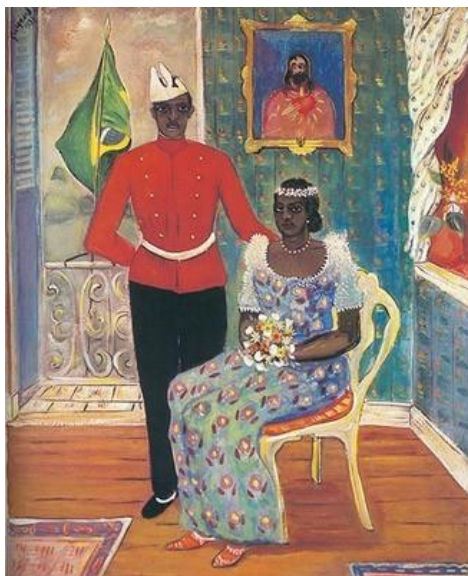


Figura 3:
Alberto da Veiga Guignard, **Os Noivos**, 1937.
Óleo sobre madeira, 58 x 48 cm.
Museus Castro Maya - IPHAN - MinC (RJ).
Fonte: FROTA, Lélia Coelho. **Guignard: arte e vida**. Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1997, p 71.

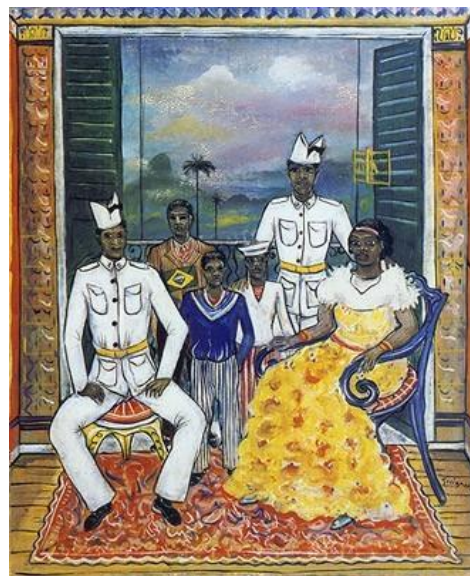


Figura 4:
Alberto da Veiga Guignard, **Família do Fuzileiro**, c. 1938. Óleo sobre madeira, 58 x 48 cm.
Coleção Instituto de Estudos Brasileiros – USP.
Fonte: FROTA, Lélia Coelho. **Guignard: arte e vida**. Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1997, p 70.

Na figura 5, Guignard nos apresenta o panorama de uma edificação de arquitetura colonial e que, muito provavelmente, possuía uma função destinada à administração e à burocracia colonial, a exemplo das Câmaras Municipais, Sedes do Governo, Casas de Fundição, Intendência das Minas, Fazenda Real etc. Para além da edificação em destaque, estendendo-se ao fundo da paisagem, assoma um relevo montanhoso delineado com linhas sinuosas. Habitações humanas aparecem como que pespontadas nas fímbrias da montanhas, a exemplo de uma colcha de retalhos na natureza.

Este desenho de Guignard [figura 5] evoca, em muitos de seus detalhes, os traços arquitetônicos do Palácio dos Governadores da antiga Vila Rica (atual Ouro Preto), o qual abrigou, posteriormente, a Escola de Minas, primeira instituição brasileira dedicada ao ensino de mineração, metalurgia e geologia. A ilustração posiciona-se na página que antecede o capítulo V, denominado “Onde o Estado aparece”. Neste, e também no capítulo VII, “As Câmaras Municipais”, João Camillo reflete a respeito do aparecimento do Estado e da burocracia administrativa estatal em Minas Gerais:

As necessidades da fiscalização, a vida urbana e a concentração dos habitantes das Minas numa área relativamente pequena (do alto de qualquer montanha avistamos sempre uma boa dúzia de povoados e cidades) puseram sempre o mineiro ao alcance da força do estado. Além disso, a urbanização fez nascer o município e temos o nosso “*homo aurífero*” colaborando com o governo.

Feita a conquista militar pelo Conde de Assumar, procedeu-se o estabelecimento da administração [em Minas Gerais]¹⁷.

Na figura 6, Guignard concebeu uma paisagem composta por uma triangulação de igrejas de aspectos arquitetônicos coloniais. Cada uma das igrejas, que compõe o vértice de um triângulo, posiciona-se em uma área mais elevada da cidade e volta-se para o vale. O fundo da paisagem apresenta uma topografia montanhosa. As linhas que compõem o desenho das igrejas e de seus componentes arquitetônicos (telhados, portas, janelas, cruzeiros) são formadas por traços contínuos e bem definidos no sentido de formatar a exata imagem da figura. Já as áreas destinadas à configuração das massas de vegetação e de relevo recebem um tratamento gráfico definido pelo uso de linhas entrelaçadas e sobrepostas, recurso comumente utilizado por Guignard para a composição desses elementos figurativos, o que contribuiu para determinar um aspecto que se aproxima do abstrato.

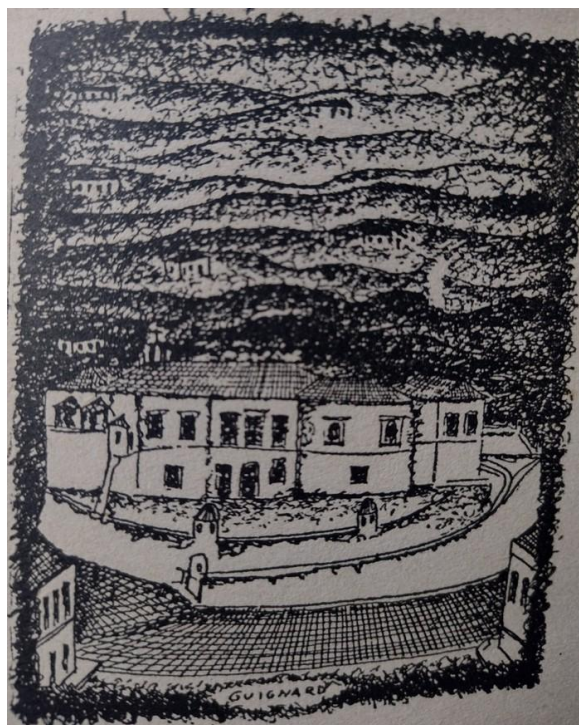


Figura 5:
Alberto da Veiga Guignard, **Sem título**, 1944.
Ilustração. Fonte: TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944, p. 79.



Figura 6:
Alberto da Veiga Guignard, **Sem título**, 1944.
Ilustração. Fonte: TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944, p. 115.

¹⁷Ibidem, p. 82, grifo do autor.

A paisagem acima analisada [figura 6] antecede o capítulo VIII, denominado “A Igreja é de todos os irmãos”, e dialoga em plena harmonia com o texto de Torres, que, logo no início, argumenta:

Outro elemento fundamental para a formação do espírito mineiro foi a Igreja. Nas casas-grandes do Norte havia uma dependência destinada à capela e também um capelão, geralmente de família e sempre um membro do “clã”. Em Minas, não. A Igreja, construída no alto da colina que dominava o vale onde nascera o arraial (algumas das mais antigas capelas foram construídas no fundo do vale, junto ao córrego aurífero), pertencia a todos. Não era obra de um rico potentado, não era dependência do “clã”; era o centro da vida em comum dos garimpeiros. É claro que, depois de estar a sociedade mais diferenciada, construíram-se tribunas para as donas da nobreza. De qualquer jeito, porém, a Igreja era de todos os irmãos¹⁸.

À luz das paisagens gráficas de Guignard e dos excertos da obra de Oliveira Torres, torna-se patente a presença de um aspecto formal tanto no ensaísmo de interpretação nacional/regional quanto nas ilustrações elaboradas pelos artistas modernistas para essas edições. Tal aspecto formal reside justamente na disposição de realizar uma revisão do método positivista desenvolvido pela historiografia dos Institutos Históricos e Geográficos – ancorada no preciosismo de descrições factuais e periodizações – bem como a intenção de lançar uma lufada de ar fresco sobre a construção visual da paisagem proveniente da academia. Imprimindo-lhe letras, traços e tons mais modernos, a partir de um esforço de estilização e/ou de destaque dos contornos essenciais, seja dos processos histórico-sociais a serem apresentados pelo ensaísta, seja da paisagem a ser elaborada, essas edições ensaísticas ilustradas pautavam-se pela inovação e pela modernidade para a época.

Segundo Andrade¹⁹, na década de 1940, momento da publicação do ensaio *O homem e a montanha*, a História, no Brasil, ainda se encontrava em estágio incipiente no que diz respeito à sua estruturação como campo disciplinar. Não obstante houvesse uma prática já bastante consolidada da escrita da história no país, esta era marcada por aspectos bastante heterogêneos e pelo fato de a sua produção se realizar em distintos lugares sociais e institucionais. Ademais, cabe salientar que o “historiador”, nesse período, atuava de forma diletante em relação à escrita da história. Em geral, era algum letrado ou polímata que se dedicava a escrever sobre os mais variados assuntos – sobretudo no âmbito das artes, da geografia e das letras – e que, via de regra, ocupava algum posto de destaque no parlamento, na imprensa, na advocacia e no ensino.

¹⁸ Ibidem, p. 117.

¹⁹ ANDRADE, op. cit., p. 25-28.

A obra *O homem e a montanha* nasceu no bojo de algumas edições na área das ciências sociais e da crítica literária, no Brasil daquela época, cujas premissas propunham integrar o estudo do regional com o nacional, dando continuidade a uma tendência, proveniente da década de 1930, que tinha a *formação* do povo brasileiro por tema. Trata-se, portanto, de um ensaio de interpretação, onde João Camillo adotou um tom de cunho positivista e determinista, uma vez que o autor fundamenta sua análise sobre a formação de Minas Gerais e dos mineiros sobretudo a partir dos aspectos geográficos e topográficos da região. Conforme esclarece o próprio autor de *O homem e a montanha*, logo na introdução de sua obra, “este ensaio vai ser menos de história que de sociologia ou de etnologia cultural”²⁰.

E acrescenta:

Pretendo aqui fazer um estudo sobre as formas de agrupamento social ocorrido em Minas em consequência de estarem os mineiros numa situação geográfica de montanha e às influências que daí decorreram para a elaboração dos modos de pensar próprios do habitante das Minas Gerais²¹.

Portanto, João Camillo elabora a tessitura do seu texto a partir de uma perspectiva que tem como referência a região central e montanhosa de Minas Gerais. Nesse sentido, a montanha assume, dentro da obra, um papel de significativo destaque tanto na configuração do território das Minas Gerais e do seu desenvolvimento político, administrativo e cultural, quanto na formação dos traços psicossociais e identitários do mineiro²².

Guignard, por seu turno, ao construir uma noção de paisagem como espaço onde a natureza se impõe sobre o ser humano, logrou expressar, com todo o requinte de detalhes e lirismo de sua linguagem gráfica, a intrínseca relação estabelecida entre o homem das Minas Gerais e a natureza de seu território – marcado por sua topografia montanhosa, seus rios, sua vegetação, seu céu – no afã de moldar a terra em busca de seu sustento e do desenvolvimento de suas práticas administrativas, econômicas e culturais. De igual modo, Guignard abordou, nessas paisagens, o influxo do cerco e das limitações impostos pela montanha sobre a composição da paisagem cultural da região das Minas

²⁰ TORRES, op. cit., p. 20.

²¹ Ibidem.

²² Cumpre salientar que outros escritos na mesma linha de João Camillo, cujo objetivo era o de interpretar as Minas Gerais e os mineiros em chave ensaística, sucederam-no e adquiriram significativa repercussão no momento de suas publicações, sobretudo no meio intelectual. É o caso das obras *Voz de Minas*, de 1945, escrita por Alceu Amoroso Lima; *Mineiridade. Ensaio de caracterização*, de 1968, de Sylvio de Vasconcellos e “Minas Gerais”, presente no livro *Ave Palavra* (1970), de Guimarães Rosa, dentre outros.

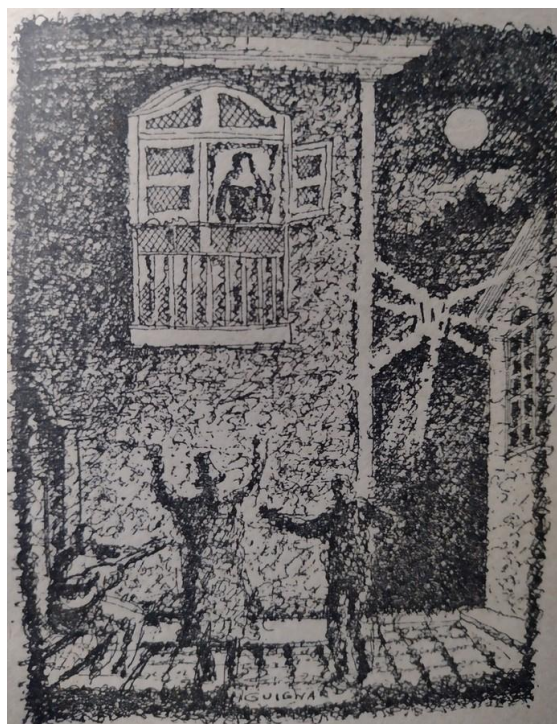
Gerais, ao conferir destaque às cidades do ouro, com suas igrejas e edificações coloniais, que surgiram organicamente encravadas nas montanhas e nos vales, como se fossem parte do cenário natural.

Ademais, através de suas ilustrações, Guignard parece ter desempenhado um importante papel de engajamento e, mesmo, de centralidade na valorização do patrimônio natural e urbanístico das cidades históricas mineiras. Isso porque seus desenhos, que retratam ou evocam paisagens das cidades históricas mineiras e de seus entornos, vão ao encontro, em muitos aspectos, da concepção presente no bojo das políticas de preservação adotadas pelo Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN) que, à época, visavam a proteção patrimonial de certos sítios e paisagens como símbolos do território e da comunidade nacionais bem como enaltecer o barroco mineiro como uma das mais primeiras e mais autênticas manifestações da arte e da identidade nacionais.

No que diz respeito aos projetos editoriais que realçavam elementos ligados às artes visuais, Martinez afirma que um dos principais aspectos que merece destaque nessas edições é o tratamento dispensado à imagem, sobretudo à figura, em que pese a forte influência da estética moderna, oriunda da Europa, sobre os artistas do Brasil. Essa inovação na abordagem estética da imagem, ainda que proveniente da Europa, seria reinventada e assimilada de inúmeras maneiras e através de distintas técnicas pelos artistas do Brasil, colaborando na criação de uma nova visualidade para o país²³.

À guisa de conclusão e à luz das paisagens gráficas de Guignard, presentes na obra *O Homem e a Montanha*, podemos afirmar que essas, para além de cumprirem rigorosamente o objetivo de ilustrar o texto – com vistas a aprofundar o propósito do escritor mineiro em interpretar as singularidades do mineiro, a partir das características topográficas e geográficas de Minas Gerais – contribuíram para inaugurar uma nova visualidade nas artes gráficas no país. Com profundo conhecimento e domínio da técnica do desenho, assimilada através de anos de estudo durante o período em que viveu na Europa, e aprimorada ao longo de toda a sua vida, o que lhe rendeu uma farta produção gráfica e colaborações para inúmeros livros, jornais e revistas, Guignard, em suas paisagens gráficas para a obra de Torres, nos oferece uma diminuta amostra de como a sua linguagem gráfica logrou imprimir inovação e modernidade às artes visuais do Brasil.

²³ MARTINEZ, V. A Modernidade do Livro de Arte Brasileiro: A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil na coleção de obras raras da UnB. In: XVII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas/ANPAP: Florianópolis, Santa Catarina, 2008, p. 793.

**Figura 7:**

Alberto da Veiga Guignard, **Sem título**, 1944. Ilustração.

Fonte: TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944, p. 131.

**Figura 8:**

Alberto da Veiga Guignard, **Sem título**, 1944.

Ilustração. Fonte: TORRES, João Camillo de Oliveira.

O homem e a montanha: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944, p. 163.

**Figura 9:**

Alberto da Veiga Guignard, **Sem título**, 1944.

Ilustração. Fonte: TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944, p. 169.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mariza Guerra de. Estudo crítico. *In*: TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 17-44.

CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FROTA, Lélia Coelho. **Guignard**: arte e vida. Rio de Janeiro: Campos Gerais, 1997.

GOMES, Angela C. **História e historiadores**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. [trad. Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza] - 3. ed., l. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

MARTINEZ, V. A Modernidade do Livro de Arte Brasileiro: A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil na coleção de obras raras da UnB. *In*: XVII Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas/**ANPAP**: Florianópolis, Santa Catarina, 2008, p. 786-795.

MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RAMIRO, Luiz. O mestre da montanha, João Camillo de Oliveira Torres. **Hemeroteca da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 10/08/2020 [online]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/intelectuais-brasileiros-o-mestre-da-montanha-joao-camilo-de-oliveira-torres/>. Acesso em 11 de agosto de 2022.

TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1944.

TORRES, João Camillo de Oliveira. **O homem e a montanha**: introdução ao estudo das influências da situação geográfica para a formação do espírito mineiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.